

Jesus Pan Chacon, o médico, o mestre, o homem

Jesus Pan Chacon, the doctor, the master, the man

Conheci o Prof. Jesus Pan Chacon em 1967, quando cheguei à Escola Paulista de Medicina, e já o encontrei bastante qualificado.

Tendo iniciado seus estudos médicos na referida Instituição, destacou-se por ser um excelente aluno, dos melhores, optando pela carreira de cirurgião.

Para isso, dedicou-se e lecionou na Disciplina de Anatomia, cujos conhecimentos são fundamentais a quem pretende ser cirurgião, e trabalhou com cirurgões de renome, merecendo destaque o Prof. David Rosenberg de quem, além de assistente, foi amigo pessoal.

Artífice do bisturi, era profundo conhecedor da anatomia e fisiologia do estômago e duodeno, notabilizando-se com o tratamento das lesões ulceradas pépticas pela vagotomia troncular e, posteriormente, seletiva, associada à antrectomia, com reconstrução à Bilioth I, Bilioth II ou mesmo Finsterer.

Esgotou o assunto com sua experiência pessoal exposta em sua tese de Doutorado, tornando-se referência no Brasil e exterior de uma conduta, à época, revolucionária.

Destacou-se, também, no tratamento das hérnias ínguino – crurais, tendo difundido a técnica de Mc Vay, e foi um dos precursores no emprego das telas sintéticas – prolipropileno, – empregadas na correção das hérnias da parede abdominal.

Numa fase mais avançada, dedicou-se à cirurgia do esôfago, notadamente à correção das hérnias do hiato esofágico e do refluxo gastroesofágico.

Foi um cirurgião muito acima da média e o primeiro Professor Titular de Cirurgia do Aparelho Digestivo, em São Paulo, titulado pela Escola Paulista de Medicina, concurso que lhe roubou muito tempo e exigiu enorme perseverança.

Como médico, foi um “vencedor”.

Seu entusiasmo pela carreira universitária, também, era algo indescritível.

Jamais conheci estudioso tão abnegado como o Prof. Jesus.

Chegava a sua sala no Hospital São Paulo, ou à Biblioteca da Escola Paulista de Medicina – Bireme – às 7:00 h, ali permanecendo por longos períodos, lendo, escrevendo, rabiscando livros e periódicos, produzindo trabalhos científicos ou preparando aulas.

Essa tarefa diária, avançava até às 17:00 hs quando se dirigia ao seu consultório.

Em sua casa, estudos e atividades didáticas, avançavam na madrugada.

Consequência desse trabalho e de suas vivências médicas eram seus ensinamentos, que faziam dele um verdadeiro mestre.

Era considerado um artista no preparo e na administração de suas aulas e exposições em congressos e similares.

Criou uma “escola iconográfica”.

Fez com que seus discípulos desenvolvessem um raciocínio lógico, e uma capacidade impar na argumentação.

Foi o mentor, o mestre de toda uma geração que com ele aprendeu a arte de transferir conhecimentos, razão maior daqueles que permanecem em universidades exercendo, as funções de professor e educador.

Sempre é mais difícil falar sobre o homem.

Isto porque há que se distinguir o ser humano que exerce funções de comando – Chefe de Disciplina – daquele que, livre dessas obrigações, mostra-se por inteiro, deixando de lado o “militarismo” necessário para conduzir “tropas” rebeldes.

Jesus Pan Chacon foi um homem extremamente controverso. “Amado por muitos”, odiado por tantos; respeitado por todos.”

Era ciente de suas causas, lutador incansável dotado de sangue ibérico “caliente” e, até onde sei, defensor de seus princípios e com espírito acadêmico impar.

E que dizer das armadilhas que a vida lhe proporcionou a nível pessoal?

Sempre teve conduta altiva, própria dos nobres, dispostos a vencer obstáculos, conviver com mágoas e tristezas, sem contudo abandonar as missões a eles conferidas.

Tendo sido seu opositor, no âmbito acadêmico, durante muitos anos – tenho um certo arrependimento – tive a oportunidade da redenção em seus últimos quinze anos.

Acreditando no meu potencial cirúrgico, encaminhou-me, ao se aposentar, inúmeros pacientes que o procuravam.

Ele mesmo, foi por mim operado, o que, por razões inicialmente profissionais, acabou por nos aproximar sobremaneira, fazendo com que conhecesse o “homem”, sobre o qual se alicerçavam o “médico” e o “mestre”.

Durante quase dois anos pudemos nos relacionar com a mente, o coração, os sentimentos, as paixões e os objetivos de vida, absolutamente explícitos.

Trocamos idéias e opiniões sobre quase tudo.

Para minha surpresa, conheci um médico, em nossos dias, com uma cultura não médica, de causar espanto.

Prof. Jesus Pan Chacon, com uma biblioteca de incontáveis exemplares – já se desfizera de seus livros médicos – conhecia porque já havia lido várias vezes, clássicos como Dante Aleghieri, Cervantes, Shakespeare, Homero, Boccaccio e tantos outros, além de romances contemporâneos.

Como eu, tinha em Dostoiévski um de seus autores preferidos, além de Ecco, Wilde, Morris West e centenas de outros.

Lia compulsivamente como o fizera com os compêndios de Anatomia, Fisiologia e Cirurgia.

Se entregava à discussões filosóficas, políticas, sociais, religiosas, econômicas e esportivas – infelizmente era corinthiano – com o mesmo ardor de outras polêmicas.

Contudo, em qualquer diálogo, fazia sobressair sua verve hispânica, seu raciocínio cartesiano, sua capacidade impar de síntese.

Como eu, também, amava o tango e um bom vinho.

Tive o prazer de passar três a quatro horas dialogando com o “homem” Jesus Pan Chacon, privilégio que a poucos foi oferecido.

Para aqueles que acreditam tê-lo conhecido, deixo aqui algumas palavras que me confiou, poucos dias antes de sua morte.

“Não sou agnóstico; acredito-me, cético. Contudo, há alguns anos, rezo diariamente a um Ser Superior, ao qual agradeço tudo o que de bom recebi, resumidamente, a minha vida”.

Jesus Pan Chacon morreu aos 88 anos, a maior parte deles dedicadas à Medicina, ao Magistério, à Pesquisa, ao Humanismo, à Escola Paulista de Medicina, à Cirurgia do Brasil.

Quis o destino, pudesse ele emprestar seus últimos momentos a este discípulo que, de maneira alguma, poderia se omitir.

Tarcisio Triviño